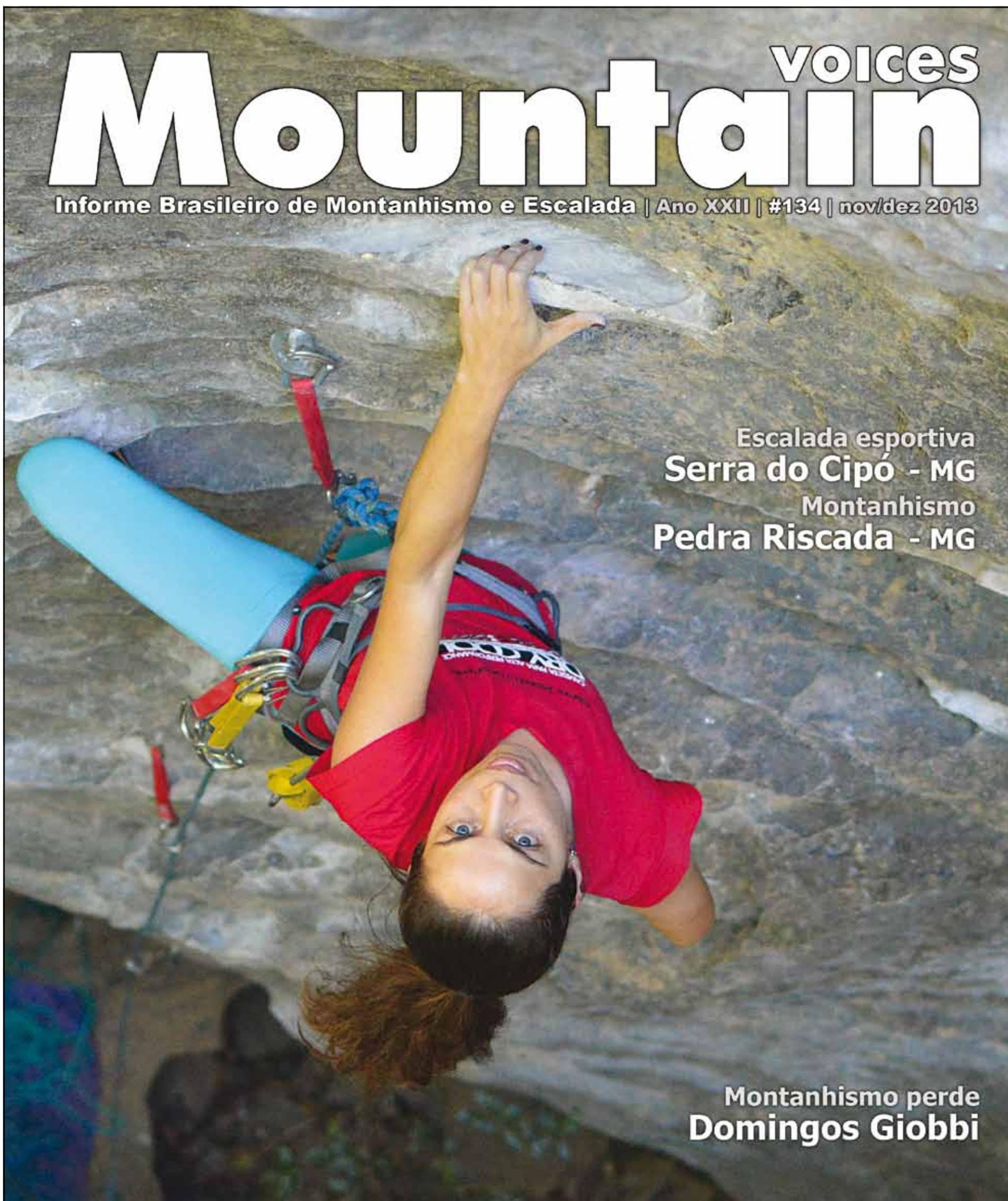


# Mountai**n** VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXII | #134 | nov/dez 2013

Escalada esportiva  
**Serra do Cipó - MG**  
Montanhismo  
**Pedra Riscada - MG**

Montanhismo perde  
**Domingos Giobbi**





# Linha 2014 Mountaineer

Ergonomia, Funcionalidade e Durabilidade.  
**Aonde você for!**



Costado ajustável para a altura do torso do usuário



Alças anatômicas



Bolsa na barrigüeira para transportar pequenos objetos



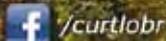
Barrigüeiras anatômicas com ajuste para as formas femininas

60+15L

75+15L



[www.curtlo.com.br](http://www.curtlo.com.br)



[www.instagram.com/curtlobr](https://www.instagram.com/curtlobr)

[www.youtube.com.br/curtlobrasil](https://www.youtube.com.br/curtlobrasil)

[www.twitter.com/curtlobr](https://www.twitter.com/curtlobr)

www.dcczy.com

# Novas companhãs, novas viagens

**Transglobe**

Para uso como mochila ou mala de mão. Bolso frontal destacável virando mochila de ataque. Capa de chuva e armação embutida. Tecido de alta resistência.



[www.trilhaserumos.com.br](http://www.trilhaserumos.com.br)  
R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ - (21) 2742-9652 - Fax: (21) 2742-5781

## Trilhas Orbi

Bolsa de viagem com rodinhas, alça telescópica e um dos compartimentos em estrutura rígida. Super reforçada. Possui pontos refletivos.



Com rodinhas e alça telescópica.

## Trilhas Pilatt

Para pequenas viagens e dia a dia. Super reforçada. Três bolsos externos, grande espaço interno, fundo rígido e pontos refletivos.



Bolso frontal vira mochila de ataque.



Vestuário



Mochilas



Sacos de dormir



Acessórios

# Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

O Brasil tem seus problemas, suas belezas, peculiaridades, assim como todo canto, todo lugar no mundo. Eu não me vejo muito ufanista, nem baírrista, talvez nem tão orgulhosa, nunca fui de me apegar a cidades, a nacionalidades, a nações. Um passado distante nasci gaúcha, virei barriga verde, sempre castelhana de coração, mas aprecio sobretudo culturas e por onde passo tento aprender o bom e o ruim, tento maravilhar-me com as paisagem, adsorver os comportamentos, observar sempre com olhos de primeira vez. Mas é natural gostarmos de mostrarmos nossa casa. Onde vivemos, mesmo por pouco tempo, há sempre de nós, nossas manias, nossas cores, nossos amores. Quem nunca se deu conta de ter um lugar de escalada especial, da onde se conhece cada agarra, cada acesso. Cada projeto é como uma lição de casa, ou uma tarefa doméstica. Um tempo livre e você está lá, retirando o lixo, arrumando a trilha ou simplesmente contemplando. Sabe cada chapa, cada conquistador e ainda por vezes se pega tendo ciúmes e até ressentimento de alguém: onde já se viu não gostar daqui? É mesmo a segunda casa da gente, o quintal ou ainda a sala de estar. E da mesma forma que o agradável é termos educação ao receber alguém pra jantar em casa, amigo da esposa, ou um

colega de faculdade, é de bom tom cortesia, sorriso no rosto e amabilidade ao receber os parceiros das montanhas. Chamar atenção e avisar das práticas e ética local, mostrar as vias e estilo do lugar e prevenir sobre os cuidados inerentes: pedra solta, animais peçonhentos específicos, vias mais esticadas, e outras dicas ou betas. Obrigação não é, cada um vive da sua maneira, mas é a lei do fazer o bem, sem se importar a quem, e sem esquecer que harmonia e uma energia boa é garantia de um lugar onde todos queiram estar. Mas o outro lado também é verdadeiro e bem pertinente. Quando saímos de nossa casa para visitar um lugar ou um amigo, levamos um pouco de nós e deixamos uma ótima ou péssima impressão. Educação é algo aprendido, não só com a família, mas um bom observador e um bom coração facilmente percebe a importância do bem tratar, do sorrir e do respeitar. Obedecer regras, costumes e hábitos. Cumprimentar, agradecer, escutar. Os pais podem com certeza ter um grande percentual de responsabilidade nisso, mas conseguimos sempre ser melhor do que somos, é só escolher. O que ganhamos com isso? Um mundo melhor, pessoas melhores e a certeza de um novo convite sincero e alegre garantindo a nossa volta. O mundo da escalada é assim,

igualzinho. Viajar é verbo comum entre todos nós, mas agradecer, respeitar, cuidar, observar já não é, infelizmente, comum a muitos do grupo. Visitar outra cidade e outro país é cultural, essencial praticamente na escalada, já que há rochas infundáveis e distintas em todo canto do mundo. Uma grande maioria dos escaladores preza estar entre as montanhas da maneira mais simples e menos agressiva. Se possível ainda deixa uma contribuição, um sorriso, uma via, aprovada e dividida com todos, no local onde visitou. Tivemos o exemplo do grupo de gringos na Serra do Cipó, Daila Ojeda, Collete McInerney, Bernardo Gimenez, Olivia Tsu, conhecidos, famosos e exímios escaladores. Olivia, ainda professora de yoga, compartilhou, ensinou, meditou e ainda escalou. Os outros usufruíram da beleza de várias regiões do nosso país, elogiaram, fotografaram e até onde se sabe, não deram trabalho nenhum. Elogiaram os costumes, se adequaram ao estilo e as belezas e, por onde passaram, riram, aprenderam e ensinaram. Daila abriu até uma via, deixando parte de sua técnica, estilo e suavidade como suas melhores impressões. Mas nem sempre e nem em todo lugar é assim. Europeus e americanos, e não só os brasileiros como somos doutrinados a pensar, também podem ser extremamente desagradáveis, desrespeitosos e arrogantes. Enzo Oddo e Gabriele Moroni visitaram o Brasil junho passado, deixando uma péssima impres-

são aos escaladores locais. Abriram via em Parques Nacionais, transgrediram regras locais, tiraram chapas modificando vias já conquistadas e ignoraram as advertências e recados. Um péssimo exemplo pra quem se diz de primeiro mundo. Se eles têm uma cultura de escalada mais arraigada e muito mais antiga que a nossa, deveriam tentar deixar um pouco de seus conhecimentos, de suas práticas, mas sem desprezar ou transgredir costumes locais, sejam eles certos ou não. O bom convívio tem que ser universal, entre povos, comunidades e grupos. Limitações, peculiaridades devem ser respeitadas, e com certeza temos muito a oferecer de beleza, de boas escaladas e principalmente de uma boa energia que não vemos igual em nenhum lugar do planeta. O resultado lamentável desse mau comportamento, dos que vem de fora, e de, pasmem, dos escaladores locais, são lugares belíssimos de escalada sendo fechados, outros sendo degradados por mau uso, e se não cuidarmos, a escalada poderá se tornar uma atividade nociva e impactante: nociva ao ambiente, mau vista por proprietários e pessoas comuns, e ainda ao invés de alegrias, conquistas, superações de limites, amizades, cafés e acampamentos, nos trará discussões, decepções e tristezas. Educação e respeito, sem fronteiras, nacional e internacional, por uma escalada melhor. Bons ventos.

## SUA EXPERIÊNCIA É ÚNICA

Vista SOLO



**SOLO**  
VISTA SUA LIBERDADE



Texto: André Berezoski

# O melhor treino é aprender a escalar

Falar sobre treinamento na escalada é tão complexo, que este texto teria que ser editado para uma apostila ou livro, e por mais incrível que pareça, existe poucas publicações a respeito, se comparadas a outros esportes, porém, as que estão no mercado são realmente boas e válidas e podem orientar em muito sobre este assunto.

As grandes perguntas sobre escrever sobre este tema são: Qual o público leitor? Seria ele um escalador iniciante, intermediário ou avançado? Escalador em rocha, por lazer, esporte ou competição? Modalidade preferida? Boulder, esportiva, tradicional, ginásio? Só sobre estes tópicos teríamos tantas variáveis, que o ideal seria não deixar nenhuma questão de fora, mas no caso, é impossível. Ao mesmo tempo, poderia relatar muito da experiência adquirida em todos esses anos competindo e escalando em rocha. Os anos que passei treinando foram em grande parte por intuição própria, depois por direcionamento especializado, ou seja, uma vez que as técnicas e métodos de treinamentos próprios já não surtiam mais efeito, a melhor opção sem sombra de dúvidas foi procurar um treinador de escalada, no caso, alguém com formação acadêmica voltada para escalada e treinamento. E foi onde comecei um trabalho com Rômulo Bertuzzi, que fez um grande trabalho com César Grosso e Thais Makino e, definitivamente, foi o período mais intenso, cansativo, de privações alimentares e de lazer, cheio de sacrifícios, mas em contra partida, foi a melhor época sobre rendimentos em competições e, ao final da temporada de provas, a motivação e o ápice físico/técnico eram tão altos, que as cadenas em rocha tinham uma performance muito superior que em anos anteriores, provando que: uma vez definido seu objetivo e com treino correto não há como os resultados não acontecerem. Obviamente se tratava de um treinamento específico para competições de

alto rendimento, e que são poucos os que realmente se jogam nesta modalidade hoje em dia. Mas o que seria o treino correto? Apesar do texto falar sobre treinos, o mesmo não contém nenhuma série de exercícios, barras, campus board, finger board, etc., porque acredito piamente que, a não ser que um escalador venha de berço, ou seja, a família escala e o mesmo desde que nasceu está em contato e pratica a escalada, toda a outra imensa porcentagem do público escalador deveria se dar conta de que se trata de um esporte tão complexo em relação a movimento, que pode ser comparado ao piano, você pode tocar a vida inteira e não vai poder realizar toda a infinidade de sons que este incrível instrumento pode lhe oferecer, e na escalada esta imensa gama de movimentos só pode ser resolvida praticando, mas praticando incessantemente, e quando achar que está se movimentando bem e com uma boa técnica, repense, os pés são precisos? A movimentação é fluida? Existe um carinho ao segurar nas agarras? O único som ao escalar é o da respiração? Pois leva-se muitos anos de prática para se chegar a uma técnica de respeito, são poucos os que realmente sabem se movimentar eficientemente bem na vertical. Obviamente, este processo de aprendizagem se resumiu em muitos anos com a utilização de vídeos e experiência passada entre gerações, por escaladores mais experientes, mas percebo que hoje a base da escalada é feita com uma fundação muito frágil, onde a maioria prefere se pendurar em um campus ou finger board

a ir experimentar todos os estilos de escalada, aprender a usar os pés em todos os tipos de rocha e nas piores condições, escalar fenda, aderência, vertical, negativo, teto e, sobre tudo, curtir estes momentos e retirar deles uma contribuição futura, a busca incessante do grau ofusca qualquer possibilidade de se evoluir corretamente. Salvo se o objetivo é participar de competições diversas, de nacional a mundial, aí sim treinar de forma regrada, orientada e disciplinada é o único caminho, caso contrário, primeiro se aprende a escalar, para futuramente entrar neste aspecto de treinos, que pode por muitas vezes desmotivar, pois uma coisa é ir para o ginásio ou muro e fazer uma sessão com a galera, outra coisa é sacar a planilha da mochila e ir treinar sozinho, em duas seções diárias, arrebentar pele e braços e ver todo mundo se divertir na sessão, acredite ou não, fazer 16 barras com um braço ou barras com 54 kg de lastro em 2006, está longe do que posso realizar fisicamente em 2013, mas o que me mantém escalando há tanto tempo e ver tantos outros nomes sem perder a motivação e o rendimento, sem dúvida foi a base criada desde o início de minha escalada, e que formou muita gente boa, a escalada na raiz tem um valor inestimável, assim como uma boa planilha de treino, mas na hora certa. Na escalada em rocha, percebe-se que muito escalador local acaba mandando muito bem por estar tão familiarizado com estilo, movimento, clima e ambiente, e que não necessariamente treinam horas a fio,

ou nem treinam, simplesmente escalam o máximo possível, o feeling e a prática constante ultrapassam qualquer treino regrado. Lembre-se: nada substitui o específico, uma hora de escalada bem realizada, vale muito mais que muitas horas pendurado abrindo bolhas nas mãos em uma barra ou finger, ou até mesmo se machucar fazendo campus antes do corpo estar totalmente adaptado a este tipo de esforço. Se tornar um especialista na modalidade que pratica tem um resultado excepcional, focar o objetivo em uma via, boulder ou competição e tentar chegar o mais próximo do tipo de escalada que se pretende realizar, tem o melhor resultado. Acredito que o treinamento especializado tem um valor tremendo, e que não há como não evoluir com disciplina, mas no tempo certo, um treinador não tem como montar uma série ou planilha para quem ainda apresenta diversas carências técnicas, ou que, por muitas vezes, o uso da força ou capacidade física atrapalham demais este processo de aprender a escalar. Muitos escaladores hoje em dia buscam milhares de tipos de treinos sem se darem conta de que na verdade precisam percorrer muitos metros de escalada para poder evoluir, mas o mais importante, no fim das contas, é fazer este caminho sempre se divertindo, pois uma vez sem prazer, qualquer atividade cai na rotina ou obrigação, e isso seria o fim de mais uma história entre esporte e praticante.

Climbing for Fun, essa é a dica!

# Seja Ousado.



## PARA BOOT

A bota ideal para a sua aventura! Desenvolvida totalmente em borracha, a Para Boot garante conforto, versatilidade, proteção e resistência, independentemente das condições climáticas.

## Seja Inspirado pela vida.

[www.hi-tec.com](http://www.hi-tec.com)

 **HI-TEC**<sup>®</sup>  
INSPIRED BY LIFE

# Vias novas na **Serra do Cipó**

A escalada esportiva na Serra do Cipó teve início há mais de 25 anos, mas pode-se dizer que nos últimos cinco anos a prática se desenvolveu em um ritmo mais acelerado, compatível com o potencial da área.

Para ter uma idéia, há cinco anos o Cipó contava com aproximadamente 80 vias esportivas e destas provavelmente apenas 50 eram realmente frequentadas. Hoje o local conta com inúmeros setores, abrangendo os grupos 1, 2 e 3, totalizando cerca de 280 vias.

FRANCINE E WAGNER BORGES | MG

Pela qualidade da rocha e da escalada é de se esperar que o número de frequentadores aumente, pois um comenta com o outro e o local se torna conhecido. Anteriormente, os escaladores contavam e freqüentavam basicamente os setores principais do G3, como a *Sala de Justiça*, *Lamúrias*, *Ninhos*, *Jhony Quest* e *Melzinho*, o que ocasionava uma concentração de pessoas nestes locais.

O crescimento estruturado dos novos setores faz com que ocorra uma dispersão dos freqüentadores, pois há opções no caso de um setor estar cheio. Este crescimento, consciente e estruturado, proporciona um uso mais sustentável da área de escalada, causando um menor impacto como um todo.

O resultado de um estágio avançado de regulamentação é fruto de vários anos de trabalho, iniciado pela AME (Associação Mineira de Escalada) e a partir de julho de 2012 coordenado pela AESC (Associação dos Escaladores da Serra do Cipó). A AESC segue as diretrizes da FEMEMG (Federação de Montanhismo e Escalada de Minas Gerais), que por sua vez fomenta a prática das associações locais serem as responsáveis pelo monitoramento e regulamentação das áreas de escalada.

Dentre os novos setores, destacamos os mais recentes, abertos neste ano, como o *República Chilena*, que conta com 10 vias, graduadas ente 7b e 9b e com um projeto que pode chegar a 10c. O setor *República Chilena* tem principalmente vias acima de 8°, com aproximadamente 20m, a base no geral é boa. Existe um acesso exclusivo para o setor a partir da trilha do G3, na porteira onde tem a primeira placa informativa, deve-se pegar para a direita e seguir a trilha, após andar aproximadamente 10 minutos terá uma entrada para esquerda e logo se chega ao setor. Duas vias bem recomendadas são a *Pincha Cabron*, 8b/c e *Conexão Cipó* (7a/b).

O Setor dos *Sete Anões*, tem 6 vias caracteristicamente boulderísticas e curtas, variando de 7b a 9c. O acesso deve ser feito pelo 2° andar do G3, após passar a gruta da ligação (na sala da Justiça), chega-se próximo a via *Diversão garantida* e sobe para a esquerda, logo poderá ser vista a trilha e o setor, a esquerda.

Outro Setor que merece destaque é o, que teve vias reativadas, como a *Ensino Fundamental* (4°) e um projeto, recente-

mente encadenado pelo escalador Eduardo Barão, que a graduou em 11b. O *Vale Zen* conta com 30 vias, dos mais variados estilos, como a via *Gigante Pela Própria Natureza*, um 7a de 32m e a *Sob Pressão*, um 8b de 10m. Este setor tem dois acessos, um seguindo a trilha que vai para o setor *República Chilena* e outro pelo 2° andar do G3. No primeiro segue-se a trilha que vai para o *República Chilena*, sem entrar a esquerda, até encontrar um boulder, aí passa ao lado do boulder,

pela direita e segue-se a esquerda, por cima das pedras. É só seguir em frente e logo se avistará o vale, caminha-se um pouco e as primeiras vias estarão do lado esquerdo da parede. Uma via muito recomendada é a *Gigante Pela Própria Natureza* (7a), longo de 32m de altura. Outras vias como a via *Avenida Brasil* e *Flash Black* são bastante escaladas. Destaca-se também a *Ouro Negro*, com pouquíssimas repetições.

Os escaladores locais conhecem a maioria das vias novas e enquanto o novo Guia não é lançado, pode-se pedir informações a galera local, sempre muito acessível e presente nos setores de escalada.

A área em que se encontram os setores de escalada é uma APA (Área de Proteção Ambiental) e, além disto, uma propriedade particular.

Por isso, solicita-se que sejam observadas e respeitadas as regras de conduta local.

As diretrizes de mínimo impacto, a aberturas de novas vias e a conduta devem ser respeitadas e monitoradas por todos os frequentadores.

Vale lembrar que antes da abertura de uma

nova via deve-se consultar a AESC.

A AESC é responsável por este controle e maiores informações podem ser obtidas no blog: [serradocipoaesc.blogspot.com](http://serradocipoaesc.blogspot.com). Em breve será lançado o novo Guia de Escalada da Serra do Cipó, com informações atualizadas de todos os setores, acessos, Ética local e as diretrizes de conduta desta importante área de conservação.

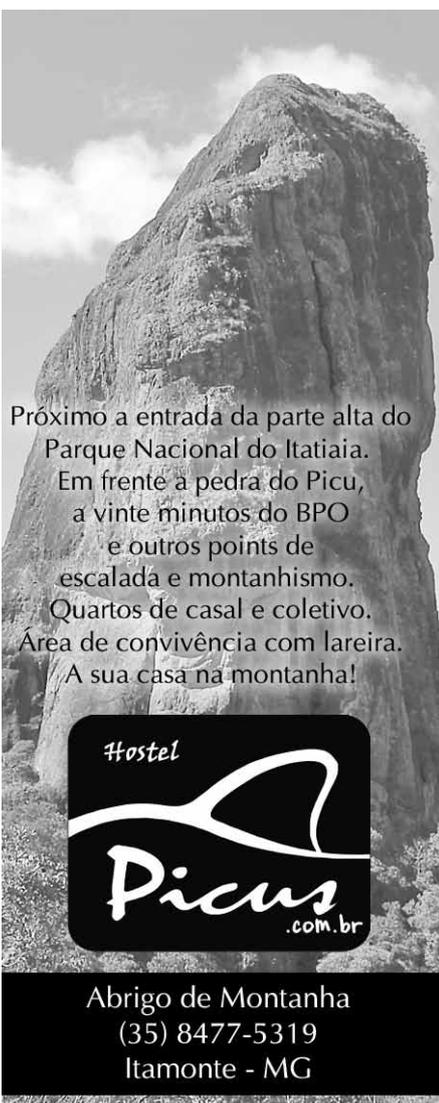
Boas escaladas!

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

[www.penatrilha.com.br](http://www.penatrilha.com.br)



Rua Apeninos 803 São Paulo SP  
11 3562 1801

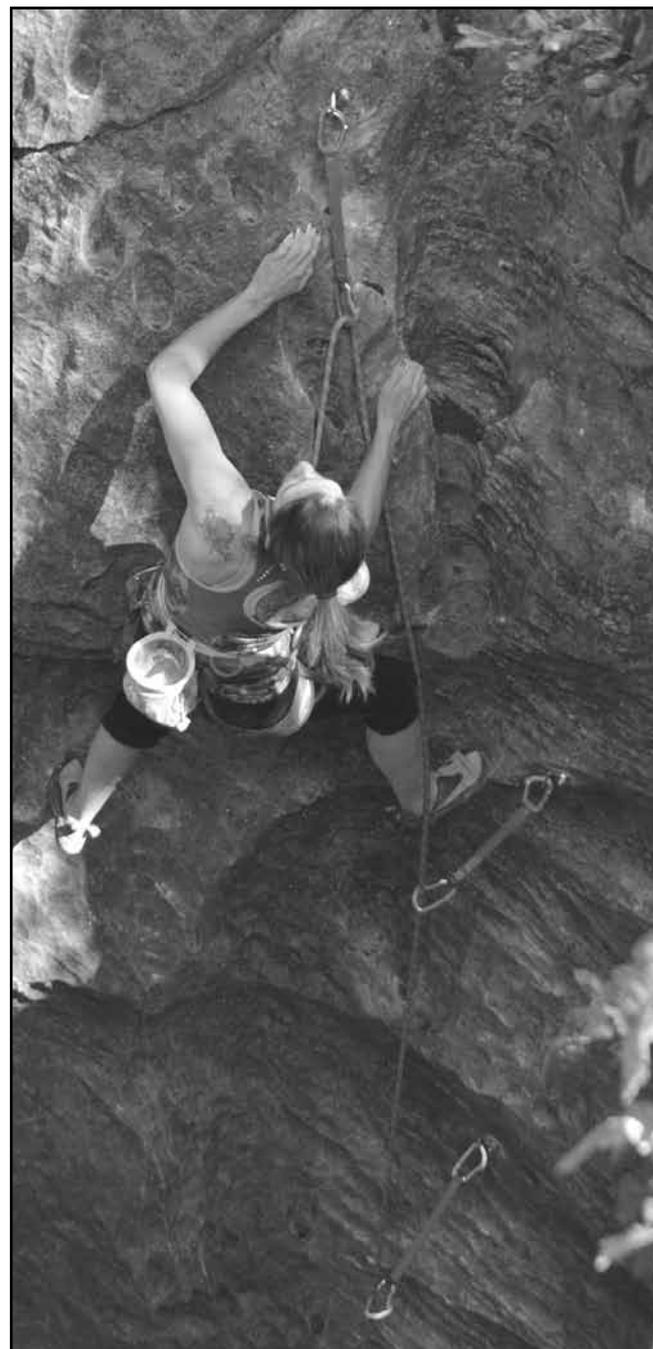


Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#hostel



Abrigo de Montanha  
(35) 8477-5319  
Itamonte - MG



# CASA DE PEDRA

15 ANOS



## A MAIOR VARIEDADE. AS MELHORES MARCAS. POR UM PREÇO MUITO MENOR.



BEAL Yuji 10mm x 50m  
de R\$531,00 por R\$477,00



Freio BLACK DIAMOND ATC  
Sport de R\$97,47 por R\$79,90



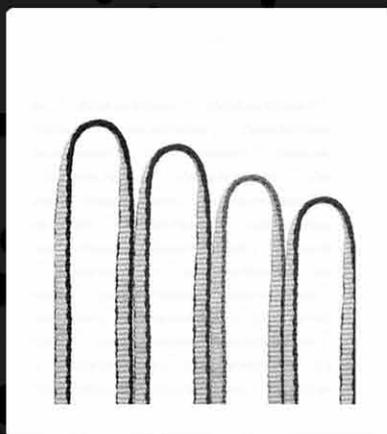
BEAL Edlinger II 10,2 x 50m  
de R\$629,00 por R\$529,00



Kit PETZL Selena  
de R\$899,00 por R\$539,00



Cadeirinha PETZL Adjama  
de R\$476,00 por R\$286,00



Fita anel PETZL St'Anneau  
24cm de R\$60,00 por R\$43,00



Magnésio Líquido EDELWEISS  
de R\$74,00 por R\$66,00



Rua André Gonçalves, 49 Itaim Bibi São Paulo [www.casadepedra.com.br](http://www.casadepedra.com.br) Fone: 11 3047 2494

# Domingos Giobbi À memória de um grande alpinista!

Lembrar de Domingos Giobbi é a um só tempo lembrar de sua filosofia de vida e de como esta se mesclava ao alpinismo. Ele afirmava sempre - quer seja em fala ou em gestos, ou em suas atividades como esportivas -, que é preciso viver a montanha para ir ao encontro da vida.

E, incansável, repetia e repetia essa mensagem sempre que possível, nas aulas inaugurais dos cursos de montanhismo do Clube Alpino Paulista, nos encontros às quartas-feiras, nas solenidades, nas assembléias, nas mesas de restaurantes, sempre onde e quando se encontrassem montanhistas de todas as gerações a conversar sobre escaladas e expedições, sobre as conquistas em andamento e sobre os projetos e metas futuras. Ele foi um alpinista e um educador, um tutor formador de gerações e gerações de amantes e aprendizes das maravilhas das montanhas. Essa foi a marca que imprimiu ao CAP e esse foi o seu maior legado: formar novas gerações de montanhistas para a vida nas montanhas.

Giobbi fundou e cuidou do Clube Alpino Paulista. O CAP, hoje aos cinquenta e três anos - desde 1959, é uma referência no montanhismo paulista e nacional. Da abertura de vias em rochas e trilhas pelas montanhas no entorno de nossa cidade e em nosso estado à conquista de montanhas nos Andes, Alpes e Himalaia, além dos mais de trinta anos de participação no Programa Antártico Brasileiro, a obra singular de Giobbi deu frutos, cresceu, formou e segue a formar novos montanhistas. O CAP hoje, como quis seu mentor, desde a sua fundação, segue a ensinar a viver a montanha - para caminhar ou escalar, na rocha, no gelo ou na neve, para as saídas

de final de semana ou para expedições de longa duração.

Giobbi sempre se apresentou para os novos montanhistas como um conhecedor da história do montanhismo mundial e amante incondicional dessa atividade humana e esportiva. E afirmava, sem titubear, que o montanhismo se tratava de uma atividade humana de grande nobreza, como gostava de enfatizar, "de gentlemen", "de nobres", "de gente superior". Mas explicava: não se tratava de nobreza afirmada em superioridade econômica, de esnobismo classista ou de exercício de elitismo social excludente. Tratava-se, ele explicava, de superioridade ética, de conhecimento das ciências da montanha e de retidão e lisura para o convívio com os outros, fundamento humano necessário à exploração dos lugares inéditos. Acrescentava: sem tais elementos de formação pode até existir um esportista fisicamente forte, mas não um verdadeiro montanhista.

Assim ele dava as aulas inaugurais dos cursos de montanhismo: lembrava das montanhas dos Alpes e ficava emocionado. E emocionava. Ele falava com o coração. Contava da sua Itália da infância, de sua família montanara, da sua pequena cidade acima do lago de Como, ladeada pelos grandes cumes nevados dos Alpes, próxima às fronteiras com a França e a Suíça. Lembrava sempre de seus amigos de juventude, os grandes alpinistas dos anos 50 e 60: o próprio Walter Bonatti e também Carlo Mauri, falava de Gastón Rebufat e de Lionel Terray, de Carlos Comesaña e de Ulisses Vitale dentre tantos outros, tantos importantes nomes com quem dividiu cordas, equipamentos, refúgios, experiências e aprendizados, tantos simples nomes, gente com quem viveu e com quem aprendeu a viver a montanha. Giobbi falava da sua história e atribuindo valor à história.

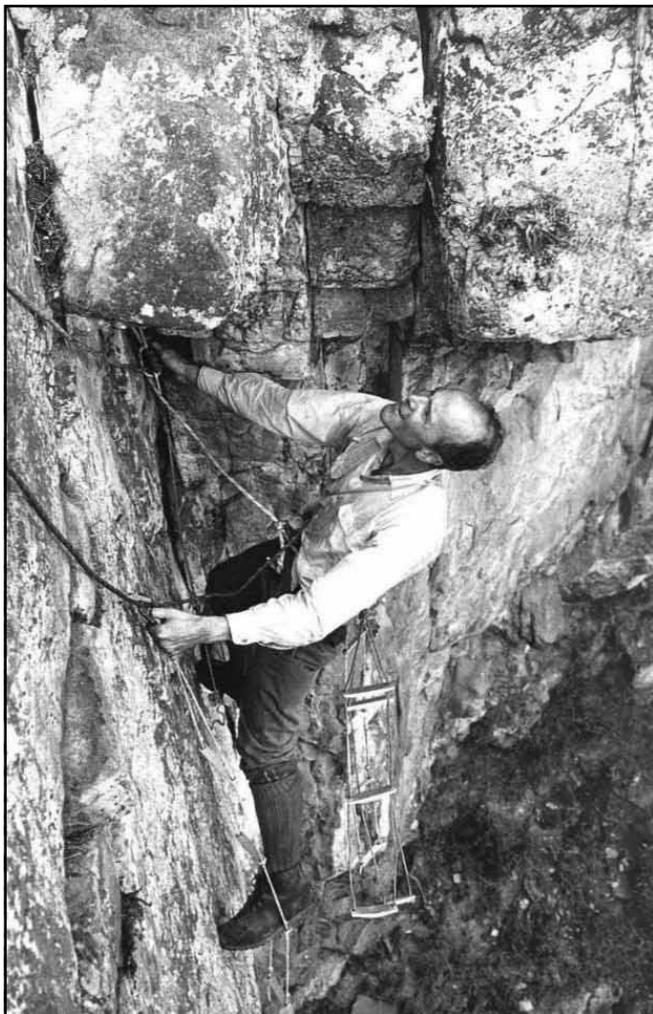
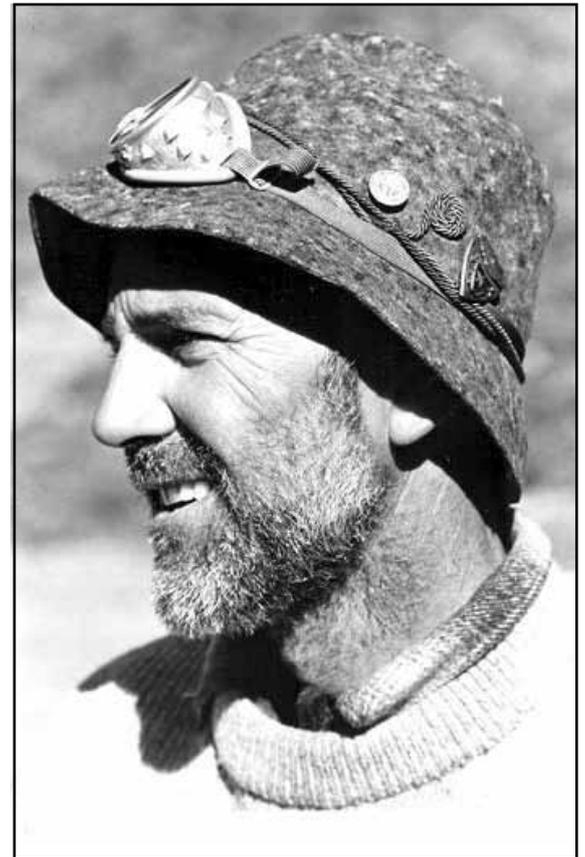
Esse ítalo-brasileiro das altas montanhas, como de fato gostava de ser conhecido, escalou e conquistou vias e cumes no Brasil e no exterior. Em sua primeira fase de grande envergadura no Brasil, antes da criação do Clube Alpino Paulista, nos primeiros anos da década de 50, levou gente para conquistar montanhas nos Andes peruanos. Nessas expedições, acompanhado de homens como os Profes-

sores Rocha Campos e Umberto Giuseppe Cordani, do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, escalou e mapeou em regiões inteiramente virgens dentro dos Andes centrais. As cartas produzidas naquelas expedições podem ser encontradas nos arquivos históricos do Instituto Geográfico do Peru. Da mesma forma, ao lado de Lionel Terray, abriu vias no Pico do Jaraguá, vias que serviram de Campo Escola para as primeiras gerações de escaladores paulistas, as primeiras turmas formadas já no CAP a partir do início dos anos 60. Desses, muitos foram os que se desdobraram em conquistadores de vias na Pedra do Baú, vias em Itatiaia, de descobertas de inúmeras cavernas no Vale do Ribeira e de trilhas como a da Serra Fina na Serra da Mantiqueira. Os princípios da exploração e da conquista propostos e ensinados por Domingos Giobbi permitiram a ampliação de muitas e importantes áreas de prática do montanhismo, áreas que desfrutamos atualmente.

Sabia que fazer o novo depende de sólidas bases constituídas no passado. Com os pés fincados nesse princípio, não se furtava a militar nas políticas cotidianas. Atuante nos Conselhos Deliberativos do CAP por mais de cinquenta anos, sempre se posicionou, mesmo quando as questões exigiam alguma imparcialidade ou ponderações divergentes. Sempre lutou pela manutenção e crescimento do CAP. Titulou muitos guias de montanha.

Homem de grande cultura, amante das artes e da música, tinha nas músicas alpinas, em especial aquelas italianas cantadas pelos coros dos montanheseiros do norte da Itália sua fonte de alegria nas festas e encontros do CAP. É essa a última imagem que guardamos de Giobbi ativo, alegre e envolvido com os amigos de montanha. Nesses momentos ele cantava, brincava, comia, ria... Contava piadas e deliciosas histórias de um montanhismo juvenil, despreocupado, destemido, irreverente. Fazia rir e ria muito...

Dessa memória podemos guardar o que de mais belo ele nos deixou: o ensinamento que a montanha nos une e nos regala a beleza, a dureza e a lisura como uma ética para viver com a natureza, com os amigos e consigo próprio - as fontes essenciais para uma vida plena, e bem ao contrário de querer fugir dela, para rumar forte ao seu encontro. Domingos Giobbi, Grande Giobbi, nós seguiremos indo às montanhas para escalar, cantar e viver, para que o seu legado jamais seja esquecido!



Algumas das ascensões de Domingos Giobbi:  
09/1959-1ª ascensão do Rajutuna Norte (5.349)  
07/1960-1ª ascensão do Yanawanka (5.180)  
2ª ascensão (via nova) Caullaraju Norte (5.420)  
1ª Ascensão ?Caullaraju Central (5.636)  
07/1961-Caullaraju Oeste (5.582)  
07/1962-1ª Ascensão do Quenuaracra (5.353) + Caullaraju Este (5.686)  
1ª Ascensão do Quenuaracra Chico (5.147)  
1ª Ascensão Caullaraju Oeste III (5.500)  
1ª Ascensão Caullaraju Oeste IV (5.460)  
07/1963-1ª Ascensão Tuco Este (5.460) + Condorjitanka (5.392)  
1ª Ascensão Huicsu Sur (5.437)  
08/1963-1ª Ascensão do Raria Norte (5.590) + Raria Este I (5.460) e Raria Este II (5.380)  
06/1964-1ª Ascensão do Pongos Norte I (5.680)  
07/1964-Nova Via em Pongos Sul (5.711)  
07/1965-1ª Ascensão Nevado Rurek  
06/1966-1ª Ascensão Uruashaju (5.735)  
1967 - Foi Convidado a participar do Clube Alpino Acadêmico Italiano e recebeu no mesmo ano uma medalha da UPAME e o Condor Dourado do exército Argentino por seus feitos.  
1968-1ª Ascensão Huallanca Norte (5.470) + Huallanca Sul (5.400) + Tunacancha (5.320) + Minapata (5.260)  
1971-2ª Ascensão (por via nova) Hualcan Oeste (5.645)  
1972-2ª Ascensão (por via nova) Huantsan Sul (65.395)  
1ª Ascensão Huantsan Oeste (6.270)



**Cursos de Escalada**  
*Básico e avançado de  
 escalada móvel, conquista  
 big wall e reciclagens*

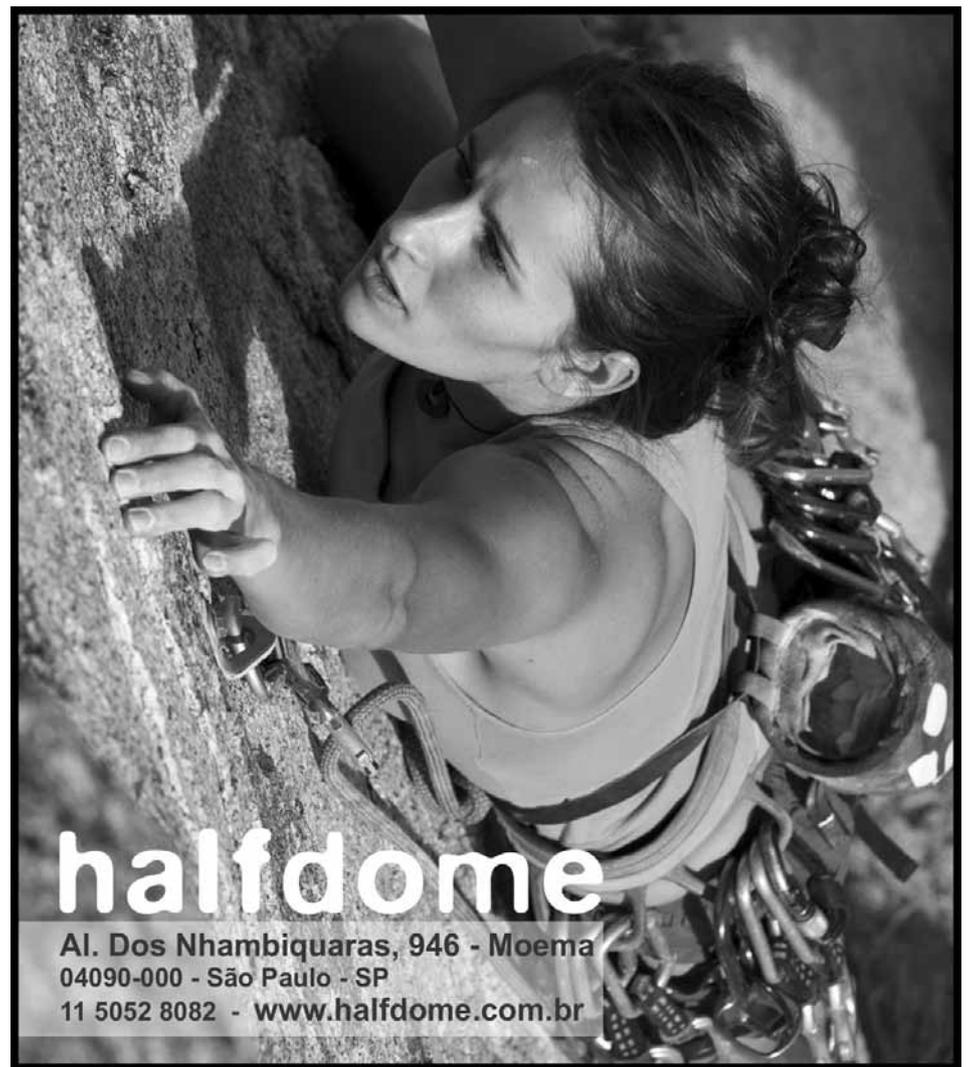
**Guias de Montanha**  
*Brasil: Pedra do Baú e região,  
 Rio de Janeiro, Minas Gerais,  
 Paraná, Sul e Nordeste*  
*Exterior: EUA, África,  
 México e Espanha*

**Brasil + Exterior**  
 Escale com  
 tranquilidade  
 nos melhores  
 points do planeta

  
**MONTANHISMUS**  
 Escola de Escalada em Rocha  
 WWW.MONTANHISMUS.COM.BR  
 SAO BENTO DO SAPUCAÍ - SP  
 (12) 3971.1470

USAMOS O MELHOR:    

acesse também: [www.eliseufrechou.com.br](http://www.eliseufrechou.com.br)



**halfdome**

Al. Dos Nhambiquaras, 946 - Moema  
 04090-000 - São Paulo - SP  
 11 5052 8082 - [www.halfdome.com.br](http://www.halfdome.com.br)



[www.deuter.com.br](http://www.deuter.com.br)



Eliseu Frechou - Atleta Deuter

[www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

O Cume nos escapará?  
Como escalamos há muitos anos juntos, quando um está na ponta da corda, conquistando mais um trecho, sempre os que estão na parada embaixo dando segurança ficam fazendo piadas. Acho que é uma forma de descontrair um pouco para aliviar a tensão da guiada.



Texto: Edemilson Padilha

Desta vez não foi diferente, quando peguei a furadeira para bater mais uma chapeleta na canaleta incrível que estava conquistando, o Val já gritou: "lhhhh, já baixou o Maestri no patrão!!!!". Ao que o Willian já retrucou fazendo mais algum comentário pejorativo em relação ao escalador que estava lá se esforçando colocar a equipe no cume (pra quem não sabe, Maestri foi um escalador que bateu muitos grampos para conquistar uma montanha importante e foi criticado na época...mas isso é outra história). Assim que terminei de bater a proteção olhei para cima e vi que faltava pouco para vencer o trecho mais íngreme, eram 10 horas da manhã e estávamos a poucos metros do cume, depois de ter conquistado mais de um quilômetro de via nos dois dias anteriores. Em meio à comemoração antecipada senti um pingo e depois outro e depois a chuva caindo forte. Era só o que nos faltava, a 50 metros do final da via e ter de desistir do cume, que frustração!

#### A Estratégia

Minha história com a Pedra Riscada é an-

tiga. Há uns 10 anos, passei por perto e nunca mais a esqueci. Em 2009, participei da conquista da via *Place of Happiness* que percorre a aresta norte da montanha. E este ano (2013), durante os treinos na academia de escalada com o Val (Valdesir Machado) que é meu parceiro habitual de escaladas, surgiu a ideia de ir novamente para o leste mineiro. Joguei para ele o plano de conquistar uma via em estilo alpino na Riscada, ou seja, numa pegada, saindo do chão e só descendo depois de bater no topo! Como de praxe, olhamo-nos com aquela cara de alegria e terror ao mesmo tempo, pois sabíamos que seria uma estratégia muito mais arriscada que fixar cordas e retornar ao solo. Dali, pra colocar tudo no papel e planejar nossa próxima empreitada foi um pulo. E foi um pulo também para descobrir que não conseguiríamos carregar tudo sozinhos, pois precisaríamos de muita água e proteções fixas. Bater 100 chapeletas na mão também seria inapropriado, pois calculamos meia hora cada proteção o que nos tomaria em torno de 50 horas! Precisávamos carregar uma furadeira e

muitas baterias. Necessitávamos de mais um "insano", alguém que fosse fortão, pois eu estava em meio a uma crise da minha coluna, e que tivesse experiência e tempo para entrar para a quadrilha. Bastou uma ligação e a resposta do Willian Lacerda foi esta: "não perco esta por nada!".

#### A Viagem

Uma semana depois estávamos percorrendo os 1500 quilômetros que separam Curitiba-PR da Pedra Riscada-MG. Fora o combustível adulterado que quase nos deixou na estrada, a Raquel (moça do GPS) ter tentado nos enganar e a dificuldade de encontrar um hotel depois de 20 horas de viagem, chegamos bem na cidadezinha denominada São José do Divino, leste mineiro. Fomos diretamente para a base da parede, caminhando apenas 20 minutos pelo leito de um riacho que passa na base, o que facilitou a coleta da água que levaríamos montanha acima. Decidimos a linha, voltamos ao carro, separamos equipamentos e tornamos a subir. Como ainda era dia, o "metabolismo acelerado" (Val) decidiu que iria conquistar a primeira enfiada da via. E assim o fez, terminando já à noite e tendo as primeiras impressões da Riscada. O Willian nos esperava com o jantar pronto. Percebemos que a sintonia da equipe estava intacta, apesar do tempo que nós três não fazíamos uma escalada deste porte juntos.

#### O Reboque de Equipamentos

Dia 3 de junho de 2013, iniciamos nossa sanha de acordar às 5 da madrugada. Um balde de

café, mochila nas costas e partimos para a grande aventura! Levávamos 200 metros de cordas, 120 chapeletas (proteções para fixar na rocha), furadeira, cinco baterias, 40 litros de água, comida para 5 dias, equipamentos de escalada e o meu violão, obviamente, pois meus amigos gostam de rock'n roll de platô! O plano era: Ed guia, Willian assegura e vai rebocando a carga, enquanto o Val vai puxando água e arrumando as coisas a serem içadas. Parei duas vezes para bater chapeleta (proteção fixada na rocha) na segunda enfiada da via antes de esgotar os 60 metros da corda e bater a parada (parada é o ponto onde nos reunimos para iniciar o próximo trecho, aí bate-se sempre duas proteções). Enquanto isso, o Willian estava tendo problemas no reboque. Para adiantar as coisas, conquistei o terceiro esticão em solitário usando o gri-gri (aparelho que trava a corda em caso de queda), pois era fácil e com fendas e árvores para proteger em caso de queda. Atingi, desta forma, o primeiro grande platô da via que tinha pelo menos uns 100 metros de extensão e nenhum lugar plano para dormir! Tive de retornar para ajudar meus parceiros, a carga não vinha. Tivemos aí nossa primeira mudança de planos. Não era possível rebocar carga ali, pois a pedra é extremamente abrasiva, cheia de pedrinhas coladas e qualquer tipo de haulbag (bolsa de reboque) enrosca o tempo todo. Dali pra frente teríamos de levar as coisas nas costas. 500 metros em um dia!

#### Segundo dia de escalada

De café da manhã 180 metros de jumareio (subir pelas cordas) com mochilas insanas nas costas, com todo o equipo e mais água e comida para 3 dias. Havíamos dormido do platô a 150 metros do chão e já tínhamos aberto mais 180 metros acima dele. Assumi a ponta da corda com o Willian me assegurando enquanto o Val ia transportando o restante da carga pare-



de acima. Vertical e delicado se mostrou o sétimo esticão e ainda tive de desescalar um trecho porque a maldita retinida (corda auxiliar) enroscou numas bromélias secas e não consegui puxar a furadeira. Em seguida o Willian guiou mais uma e aí o sol começou a nos destruir. Na parede a temperatura beirava os 30° C e com ansiedade comecei a guiar o esticão de número 9 que nos levaria a o segundo mega platô da via, onde poderíamos nos abrigar na sombra, pois além do calor tínhamos outro problema que era o consumo excessivo de água. Bati duas chapas no início e a parede deitou, fui escalando rápido e quando faltava uns 2 metros a corda acabou. Gritei para o meu parceiro começar a escalar em simultâneo e rezei pra ele não cair, pois já estava a uns 40 metros acima da última proteção que havia batido. Sombra, ufa! Puxamos todas as cordas, e eu e o Val começamos a fixá-las para cima, escalando pelo platô que era uma transversal montanha acima. O "fortão" Willian assumiu o porteio do restante da carga que não conseguíamos levar. Quando o sol se escondeu por detrás da Pedra Riscada, pois estávamos na face leste, chegamos ao final do mega platô transversal, na parte em que há uma mata bem grande, e obviamente nenhum lugar plano para dormir... Mas o Val queria subir imediatamente; lembro bem da conversa em que tentávamos fazê-lo parar um pouco e comer algo, mas não conseguimos dissuadi-lo. Escolheu uma bela canaleta formada pela água da chuva, que, na verdade, são os riscos da Pedra Riscada, e lá se foi; no final começou a ter câimbras e não conseguia mais erguer a furadeira. Peguei água, comida, lanternas, chapeletas e lá fui atrás do nosso herói. Conquistei mais duas enfiadas, as de número 14 e 15, completando 830 metros de via! Rapelamos para dormir no platô, aonde o Willian nos esperava com suco, queijo e cracóvia (tive de abrir exceção ao vegetarianismo), e com uma bela notícia: tinha encontrado um buraco na pedra cheio de água que se acumulou com as chuvas. Já não tínhamos mais o fantasma da falta de água!

### O Ataque ao Cume

A paisagem pela manhã foi um presente divino. Mar de nuvens com amanhecer avermelhado. Café da manhã perfeito. E o dia estava mais fresco, com sol entre nuvens. Retomamos o ponto em que havíamos parado no dia anterior, que era exatamente aonde nossa via cruza com a via Bodífera Ilha, primeira rota conquistada na Pedra Riscada. Apesar de que há uma lenda na cidade de que um grupo de aventureiros locais sem noção alguma de escalada e munidos de uma corda de amarrar vaca, havia atingido o cume antes dos escaladores; mas até hoje não conseguiram provar o feito. Quando a Bodífera Ilha foi conquistada, os escaladores encontraram restos de uma fogueira no grande platô que é usado para acampamento. Isso já seria uma grande conquista, pois para chegar já teriam de ter escalado uns 150

metros de 5° grau sem nenhuma proteção fixa além das poucas arvorezinhas que estão na parede!

Continuando a nossa história, a partir deste ponto, fizemos mais 150 metros de escalada moderada e atingimos o terceiro platô da parede. Uma nuvem nos engoliu e ficou frio. Peguei a "punta caliente" da corda e tentei escalar rápido, pois não sabíamos quantos metros havia para cima. Só sabia que até ali a via já tinha mais de 1000 metros, fora os trechos de mato que subimos! Depois de duas chapas, veio a chuva! Não podíamos acreditar, depois de tanto esforço, íamos morrer na praia. Abrigamos-nos sob um toldo de nylon que trazíamos, eram 10 horas da manhã e a canaleta que estava conquistando acabara de se transformar em uma cachoeira! A sensação era de frustração total durante aquela hora que ficamos ali esperando a chuva passar, mas se os deuses da montanha queriam nos testar para ver se merecíamos a honra de abrir aquela via, teríamos de provar a nossa capacidade. Estas situações requerem um pensamento fora do convencional, e assim decidimos escalar com a parede molhada. Só depois de dar a ideia foi que lembrei ser eu quem pontearia! Foi pavoroso, o pé não parava, a mão deslizava e só tínhamos um cliff de buraco (os cliffs são uns ganchos que usamos para progredir quando não há agarras em algum trecho, fazendo um furo de 6mm e encaixando o gancho ali). Senti-me mal por ter de bater mais chapeletas do que as que teriam sido necessárias. Do alto da última que bati na canaleta pude ver que a parede deitava um pouco e saí em livre. Corda pesando, furadeira pendurada, pedra

molhada, tensão total. Eu me agarrando em pedrinhas do tamanho de uma caixa de fósforos e progredindo com minha respiração ofegante, já muito próximo da mata do cume da montanha. Quando bati a parada saiu um solão e em minutos a parede secou, deste ponto ainda subi mais uns 30 metros até alcançar o mato "grosso" e me certificar que este vinha do topo. Gritei: "mata cumbreira uhuh!!!!". O topo da Riscada é uma mata fechada e ainda teríamos de caminhar meia hora mais ou menos para atingi-lo. Eu e o Val já tínhamos estado lá e o Willian não fez questão de subir até a "topinha", como dizem os divinenses, Então, iniciamos os 20 rapéis, pois ainda tínhamos muito trabalho pela frente e estávamos meio receosos quanto ao clima.

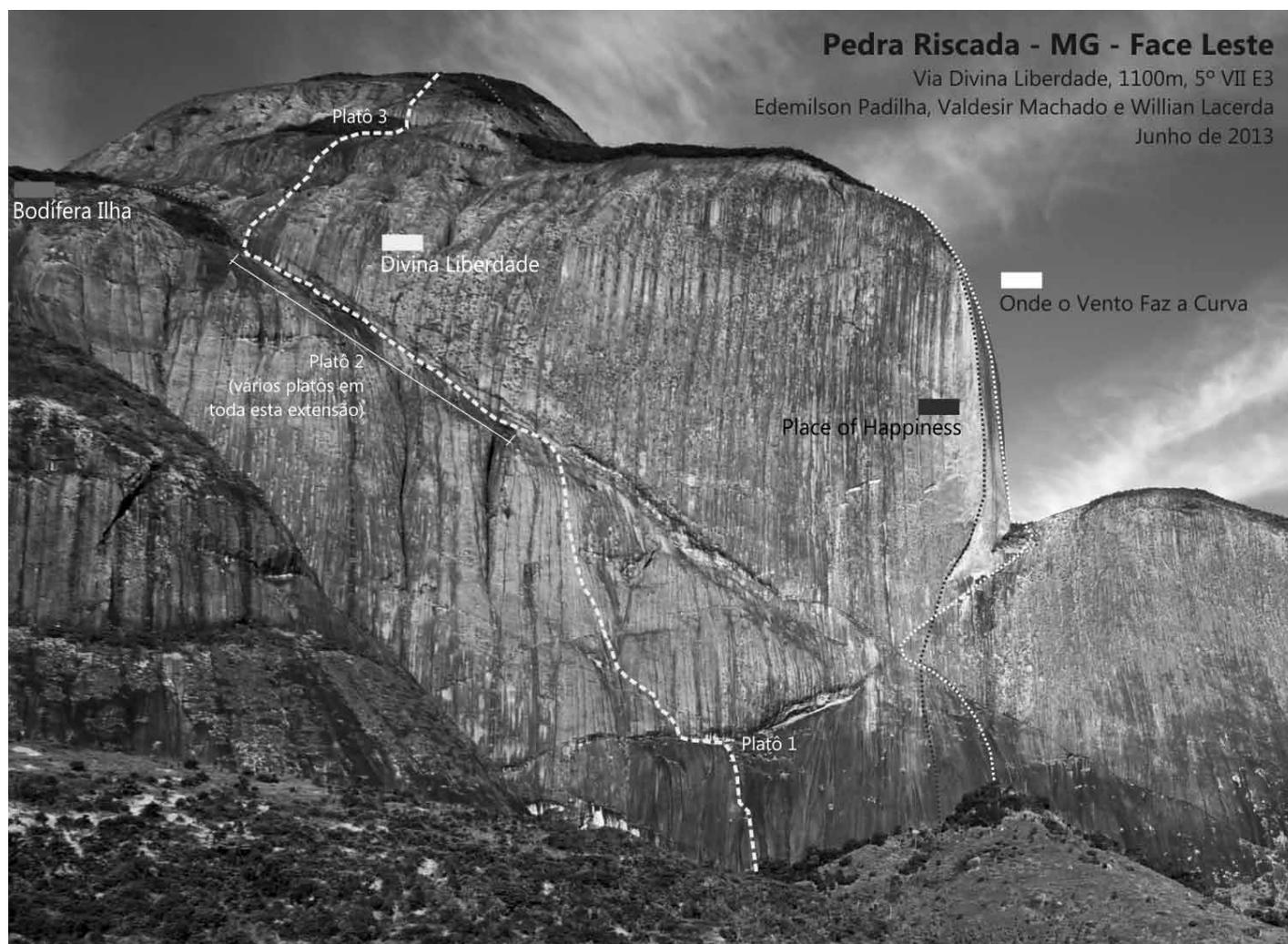
### O Retorno

Rapelar é o preço que se paga por subir e sempre é o perigo maior de uma escalada. A regra é descer com calma e cada um cuidar dos outros para que não façamos nenhum procedimento errado. Sempre desço na frente, não sei porque, mas meus parceiros acham que tenho memória boa e consigo achar os pontos de rapel (paradas) com mais facilidade. Sempre faço uma cara de quem sabe aonde está indo e eles confiam, apesar de às vezes me perder completamente. Rapéis em diagonal com mochilas de 30 quilos nas costas não é legal, e quando jogamos as cordas e elas formam uma teia nas bromélias é horripilante. Nunca disse tantos palavrões durante uma descida, o melhor teria sido levar uma bolsa para a corda e

não atirá-la para baixo. Chegamos à noite no platô 1, a apenas 3 rapéis do chão, mas ali havíamos deixado um monte de peso. Pensei que não iríamos chegar ao chão naquele dia, mas depois de descansar um pouco, tocar um pouco meu violãozinho e de lembrar que no carro tinha muita comida e um chão plano, decidimos deixar a montanha. A via *Divina Liberdade* ficou incrível e tem tudo para se tornar a via normal da Pedra Riscada, pois é muito bonita, segue uma linha natural e é relativamente fácil de encontrar, pois possui muitas chapeletas. O rapel é pela via. Deve-se tomar cuidado com as agarras, pois sempre pode haver alguma pedrinha que se descole, teste sempre antes, pois em vias de montanha não se cai!

### São José da Divina Liberdade

Como queríamos achar um nome que fosse uma homenagem à cidade mais acolhedora que conhecemos por aquelas bandas (São José do Divino), denominamos a via, por sugestão do Willian, de *Divina Liberdade*, que é também o nome de uma música do Manu Chao que escutamos durante a viagem! Agradeço a meus parceiros pela vibe incrível e por terem cuidado de mim durante a expedição para que eu não machucasse ainda mais minha "coluninha de vidro", como eles próprios a chamam. Ao Edimilson Duarte de São José do Divino pela habitual hospitalidade e também às empresas que nos apoiam: Conquista, Território e Snake!



# Cerro Palomas

Texto: Edson Struminski  
Imagens: Miriam Chaudon

A consolidação de um novo point de escalada na fronteira sul do Brasil

Já tive a oportunidade de comentar sobre escaladas no Cerro Palomas, próximo do aglomerado urbano de Santana do Livramento (Brasil) - Rivera (Uruguai) onde estou morando. Geograficamente falando é uma das últimas, se não a última, montanha com potencial para abertura de vias em escalada em rocha no Brasil, pois fica na fronteira sul, a poucos quilômetros do Uruguai. Como estou morando nesta região desde o início de 2013, tratei de buscar meios para desenvolver novas escaladas nesta formação rochosa, que para minha sorte está por ali, bem pertinho.

O Palomas é um marco da paisagem desta região do Rio Grande do Sul. Um morro testemunho de arenito, um tabuleiro com forma circular e topo plano com paredes escarpadas, verticais, negativas ou com tetos e outras formações curiosas, como só o arenito é capaz de formar. Lembra muito aqueles antigos fortes medievais, com suas muralhas de paredes íngremes cheias de diedros, torreões e esconderijos para repelir os invasores...

Bem, nós não somos invasores, mas este aspecto de muralha inexpugnável, que é pouco convidativo e até mesmo assustador para o visitante comum que vem do norte (Brasil) pela BR 158 ou do Uruguai pela Ruta 5 é irresistível para um escalador. O fato é que o Palomas é uma verdadeira tentação para quem gosta de

escalada. As paredes exigem uma surpreendente diversidade de técnicas de escalada. Em alguns pontos chegam a valer até as aderências tradicionais, mas o mais comum são técnicas de regletes mescladas com fissuras, tetos ou até mesmo pequenas chaminés e fendas, geralmente de formato inusitado. É só passar por ali e já dá vontade de se atracar no lugar.

Costumo me atracar por lá, é claro, mas por mais que eu esteja acostumado a escalar em solitário, rapidamente percebi que precisaria de parceiros para desenvolver algo que fosse além de simplesmente passar o tempo nesta montanha. Mas qualquer pessoa que já tenha certo tempo de montanhismo sabe que achar parceiros regulares para ir fazer qualquer coisa na montanha é difícil. No aglo-

merado Livramento-Rivera a chance de eu achar uma pessoa para escalar era, digamos, uma em 150 mil. Mas na verdade, driblando as probabilidades, achei duas e ambas moram no mesmo prédio em que estou vivo.

A primeira pessoa é Fabrício Domingues. É um escalador praticamente autodidata gaúcho que trabalha na vinícola Almadén, a uns 10 km do Palomas. Quando cheguei neste cerro à primeira vez, topei com algumas paredes chapeleteadas por ele, que escala por lá desde o ano 2000. Rapidamente nos entendemos e abrimos grande número de novas vias juntos a partir de 2011, incluindo algumas em móvel ou mistas (com chapas e móveis), além dele ser meu companheiro regular em escaladas em Bagé. Fabrício adora sua grande camionete vermelha que nos leva a mui-

tos buracos, adora sua furadeira, tem um nariz aquilino, um jeito bonachão e já demos muitas gargalhadas juntos. Tem sido um privilégio fugir das formalidades diárias para escalar com ele no Palomas.

A segunda pessoa é Miriam Chaudon. Tem sido minha companheira em várias coisas não só no mundo da escalada. Me levou até o Palomas pela primeira vez, fez algumas escaladas comigo e, na maior parte das vezes pacientemente ficou me dando segurança enquanto eu saltitava contente buscando linhas novas na abundância de paredes do lugar. Além disso, ela tem se tornado uma espécie de "fotógrafa oficial" das belezas do lugar, em macro e micro escala e principalmente da abertura de várias das novas vias no Palomas, o que tem despertado a curiosidade do pessoal

que acompanha, pelo Facebook, nossas investidas neste cerro. O registro fotográfico que a Miriam tem feito é detalhado e inestimável. Já tem grande importância agora e terá maior ainda no futuro. Inicialmente eu imaginei que as paredes curtas do Palomas poderiam ser um bom campo escola para as pessoas que vivem nos urbaninhos próximos. Com o tempo percebi que isto não seria possível pelo nível de dificuldade das vias do lugar, quase sempre alto. Assim temos procurado mesmo é desenvolver as potencialidades do lugar como um setor desportivo clássico, mas mesclando, como comentei, as vias com chapas com escalada móvel, quando possível, para evitar o excesso de chapas e de modo a criar oportunidades para nós ou outras pessoas treinarem em vias com estes equipamentos. Esta mescla deve ajudar a definir uma ética local.

Já tivemos também oportunidade de testar o equipamento fixado no local (chapeletas) através de um teste dinâmico para verificar a resistência do arenito a uma queda em fator 2 e que está disponível em vídeo (<http://www.youtube.com/watch?v=fcpTzDTEI2w&feature=share>). O mesmo teste foi realizado sobre um pequeno nut número 3 para uma queda em fator 0,5 (<http://www.youtube.com/watch?v=KsIZMV6EHVI>) e ambos foram bem sucedidos. Há uma matéria no Mountain Voices sobre estes testes.

Até o momento já são cerca de 60 vias com o apoio da Conquista Montanhismo

de Curitiba. Como o Palomas é circular, existe oportunidade de escalar em diferentes faces da montanha conforme rode a estação do ano ou mesmo rode a hora do dia, ou então conforme rondem os marimbondos. É possível treinar técnicas variadas em uma mesma escalada. Mas já percebemos que só se esforçar não adianta muito. Geralmente é necessário Força Bruta y Algo Más, que inclusive é um nome de uma das vias do lugar, bem ao estilo bilingue doblechapa da região. Na verdade é esta soma de diversidades e dificuldades que irá colocar o Palomas em um lugar garantido entre os centros de excelência de escalada do país.

Até o momento este cerro tem recebido poucas visitas de outros escaladores, pois fica distante dos principais centros de escalada do Brasil. No entanto, pode ser uma opção interessante para quem vive na metade sul do Rio Grande do Sul, em cidades como Bagé, Santa Maria, Caçapava ou São Gabriel, onde existem escaladores, ou para quem esteja atravessando o Brasil em direção à Argentina, por exemplo e queira experimentar paredes diferentes antes de mergulhar nos países vizinhos, além de curtir os vinhos da região e os free shops de Rivera, onde sempre dá para encontrar alguma oferta interessante de equipamento de caminhada ou camping.

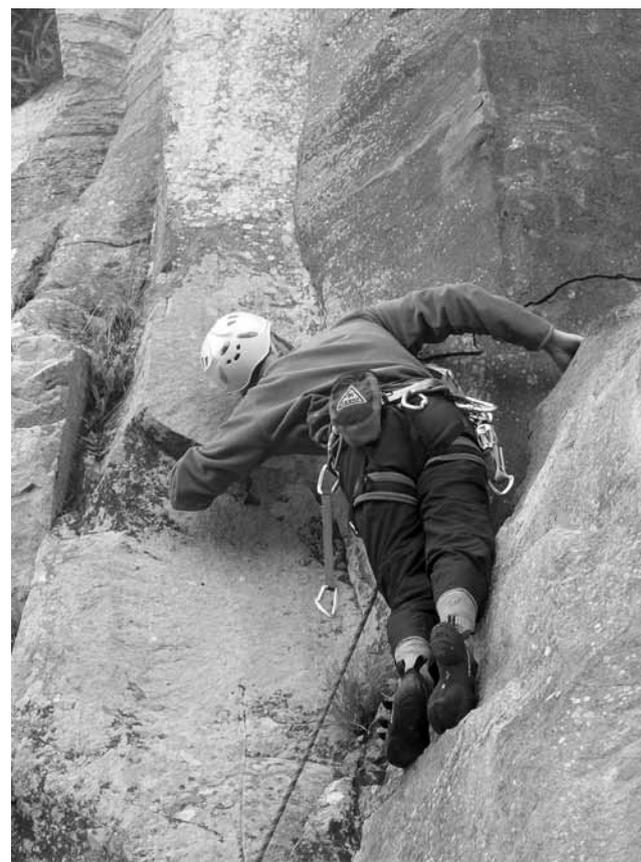
Pra atender a este público potencial de escaladores começamos a investir em um primeiro guia para o local, por hora no formato PDF, pois o número de novas escaladas ainda aumenta. O guia é importante pelas

diversas informações sobre as escaladas e também por aspectos logísticos.

Infelizmente nem tudo são flores no Palomas. A vegetação e os solos estão bastante degradados, com isto existe muita dificuldade em se manter as bases das paredes de forma adequada. No cume deste cerro existem duas enormes torres com antenas de comunicação. Uma delas está desativada, com todas suas construções em ruínas e enorme quantidade de detritos e lixo, o que desestimula os visitantes a cuidarem do lugar. Para minimizar um pouco o impacto destes enormes trambolhos temos o costume de carregar um pouco deste lixo para a cidade.

Quando chegamos no Palomas, algumas linhas de escalada tinham formato decididamente futurista, hoje, para nossa satisfação, são linhas consolidadas de escalada para serem guiadas.

A proximidade da área urbana, o aces-



so fácil e a qualidade das vias fazem do Palomas um ótimo lugar para escaladas na fronteira sul. Fica o convite para o pessoal conhecer.

As pessoas que quiserem podem solicitar o guia através dos emails: [fabriciodomingues@almaden.com.br](mailto:fabriciodomingues@almaden.com.br) [duboisedson@gmail.com](mailto:duboisedson@gmail.com)

**BLOG DE ESCALADA**

A revista on line de escalada e montanhismo

[blogdescalada.com](http://blogdescalada.com)

**RESSOLE SUA SAPATILHA NA**

**\*SOS sapatilha**

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

**ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR** Mais informações [www.bele.com.br](http://www.bele.com.br) ou ligue para 11 82446672

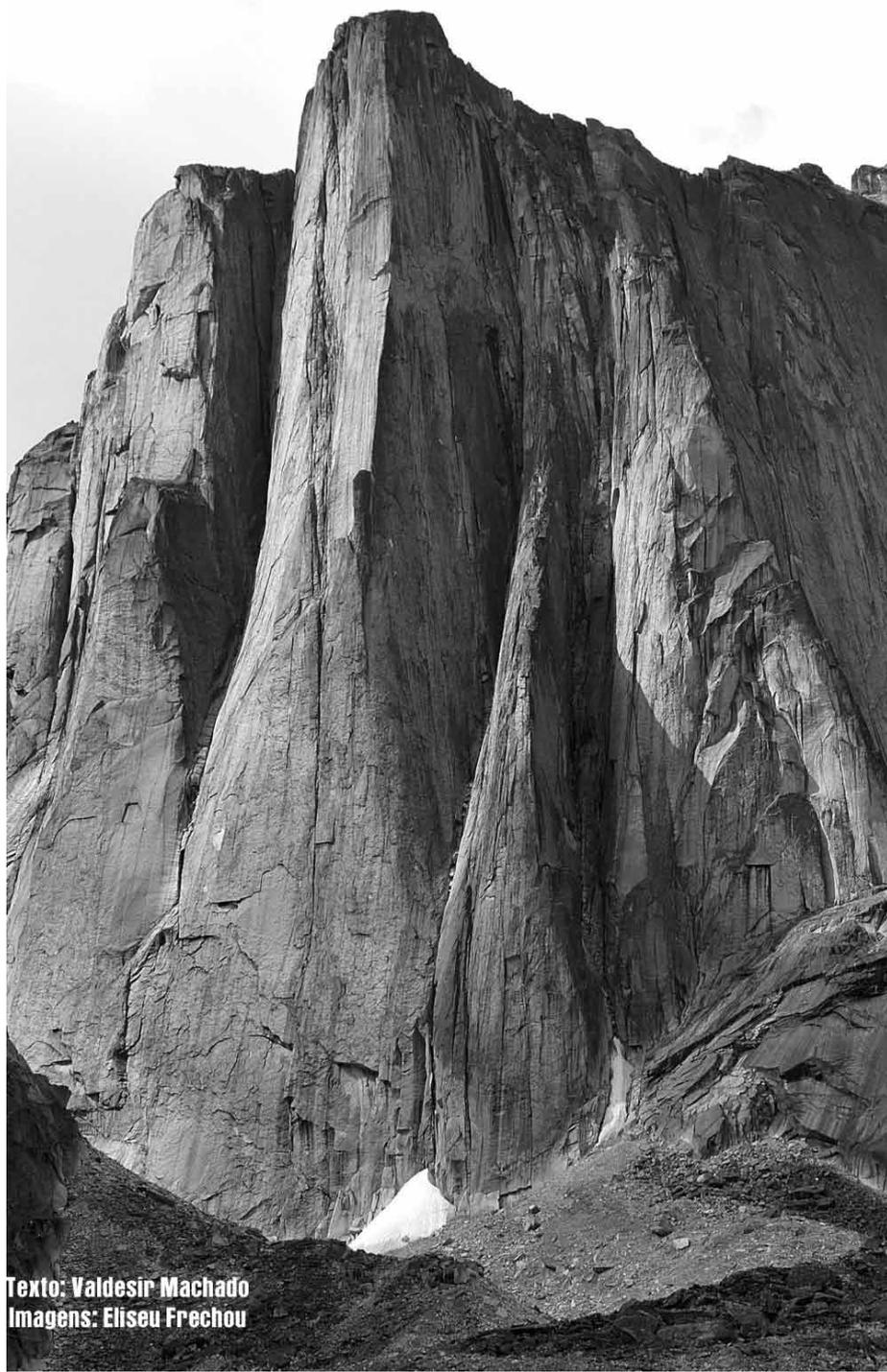
**evolv.com.br**

Sapatilhas de Escalada Evolv Os melhores usam...

**EVOLV**

[www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

# Lotus Flower Tower



Texto: Valdesir Machado  
Imagens: Eliseu Frechou

Após um longo planejamento e meses de espera, segurando a ansiedade, enfim chegou o dia de irmos escalar a Lotus Flower Tower - Canadá. Inicialmente o plano era irmos em quatro escaladores, mas no último momento, um dos integrantes da equipe (Edemilson Padilha), não pode ir por problemas pessoais.

Sai de Curitiba dia 29/07/2013 para encontrar os demais companheiros de escalada, Eliseu Frechou e Fernando Leal em São Paulo, para em seguida seguirmos a diante na longa jornada. Chegamos ao Canadá dia 30/07/2013, fazendo escalas em Toronto, Vancouver e Whitehorse, depois um voo de hidroavião até o Inconnu Lodge, onde passamos a noite e no dia seguinte, 31/07/2013, fomos novamente de hidroavião até o Glaciar Lake, já no Northwest Territories. Nesse mesmo dia fizemos

uma caminhada de 5 a 6 horas até o acampamento (pesados), a 2 horas das paredes.

Por não termos conseguido muitas informações sobre as vias da região do Cirque of the Unclimbables, como é conhecida a região, optamos por tentar escalar a Lotus Flower Tower pela linha clássica da montanha, na face sudoeste, que sempre foi nosso principal objetivo desde o início das nossas conversas e para que isso acontecesse tivemos que descer outra vez para

buscar alguns equipos que havíamos deixado em uma cabana no dia anterior.

As caminhadas serviram de preparo para a exigente escalada que nos esperava. Passamos por uma floresta de pinheiros e vimos alguns animais da região, como esquilos, porco espinho, marmotas, galinhas do mato, patos e dos temidos ursos, somente as fezes... ahhh muitos pernilongos também, muitos mesmo...

No dia 02/08/2013 descansamos um pouco e trocamos informações com outros escaladores que estavam por ali. Resolvemos nesse mesmo dia, fazer uma caminhada até a base para matar a curiosidade e aproveitar deixar uns equipos de escalada na base. Era cedo quando chegamos e resolvemos fixar as duas primeiras enfiadas para facilitar no próximo dia. Pois vimos que a parede estava bem molhada, devido às chuvas dos dias anteriores e isso possivelmente nos atrasaria. Dito e feito, valeu a pena, pois tivemos que fazer vários pedaços em artificial. Voltamos e fomos dormir às 22h, mesmo com o organismo não entendendo muito, o que acontecia, pois anoitecia 23:30h e clareava o dia as 3:30h da manhã.

Dia 03/08/2013 acordamos com a primeira luz e saímos, 2 horas depois estávamos na base para escalar. Subimos as cordas fixadas no dia anterior e a partir daí o Eliseu assumiu, tocou todas as enfiadas até o único platô da via (muito bom para bivaque). Através de um sistema de fendas e chaminés, um tanto molhadas e com vegetação, se mostrando bem mais difícil e perigosa do que parecia. Completando assim a primeira parte da parede (10 primeiras enfiadas).

Nesse ponto inicia o *headwall* da parede, eu começo a guiar e escalo talvez as enfiadas mais lindas que já escalei na vida, nos chamados

knobs (botões), ou seja, havia 2 linhas paralelas de fissuras estreitas, contínuas, nas próximas 6 enfiadas, onde era possível proteger bem com muita peça pequena, principalmente micro stoppers. E escalar pelos "botões" que pareciam ter sido colocados um a um, uma verdadeira dança, alternando agarras e proteções pra lá e pra cá. Depois dessa magnífica parte da parede, só tinha mais duas enfiadas, uma delas por uma chaminé um pouco exposta que o Eliseu finalizou, e estávamos no cume.

Ao final foram 12 horas de escaladas e mais umas 4 ou 5 de rapel, quase todo por uma linha paralela a que subimos.

E para completar com chave de ouro, estávamos caminhando, já à noite, sem pressa, parando a todo instante para descansar, olhamos para o céu e fomos contemplados com um dos mais lindos espetáculos da natureza que já vi, a *Aurora Boreal*, com certeza essa jornada vai ser simplesmente inesquecível...

Ficamos mais alguns dias no acampamento, descansando um pouco e aproveitando a merecida folga. Depois escalamos umas vias esportivas e alguns boulders, caminhamos pelos gramados repletos de marmotas com suas inúmeras tocas.

Os planos de abrir uma via na região acabaram ficando para próxima, achamos já era o suficiente para essa viagem a escalada da Lotus.

Mais uma vez, gostaria de agradecer a meus familiares por terem segurado as pontas em casa, permitindo assim que eu pudesse sair sem muitos problemas, para tornar realidade mais um dos muitos sonhos que pretendo ainda realizar.

Agradecer também às empresas, que há tantos anos vem apoiando essas empreitadas, dentro e fora do país, acreditando que é possível sempre!!!



# RIO MOUNTAIN FESTIVAL

18 e 19  
OUTUBRO 2013  
RIO DE JANEIRO



The Banff Centre  
**BANFF**  
MOUNTAIN  
FILM FESTIVAL  
WORLD TOUR

13ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha  
Centro Cultural Justiça Federal - 18h e 20h  
Cinema Odeon Petrobras - 19h e 21h

APOIO



PROMOÇÃO

go  
**Outside**  
Mountain <sup>voices</sup>



APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO



PROGRAMAÇÃO COMPLETA E CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA NO SITE  
[www.riomountainfestival.com](http://www.riomountainfestival.com)

Fotógrafo - André Dib / Montanha - Vulcão Ojos del Salado - Argentina/Chile

[www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)



# Travessia do Rancho Caído

Texto+Imagens: Alberto Ortenblad

Este é o terceiro (e último) artigo sobre as travessias no Parque Nacional de Itatiaia. Se os caminhos anteriores o percorrem nos rumos sul e norte, este atravessa exatamente o seu centro, parecendo-me o mais visceral deles – e também o mais cênico, com vistas para todas suas principais montanhas. Como já tinha feito nos outros artigos, inicio este com algumas observações sobre o Parque, no caso descrevendo sua geologia, flora e fauna.

## A Origem Geológica

A origem do maciço do Itatiaia remonta à ruptura do Continente Gondwana, no qual América e África estavam unidas. As colisões assim geradas soergueram a Mantiqreira primitiva, que era então muito mais alta do que a atual. Com o fim do processo, esta formação foi erodida até quase o nível do mar, desenterrando o antigo alicerce cristalino, formado por granitos e gnaisses, que eram muito mais antigos. Muito tempo depois, iniciou-se uma atividade vulcânica numa extensa linha de 500 km que ia de Poços de Caldas a oeste até Cabo Frio a leste. O maior destes vulcões formou uma enorme montanha pontiaguda, abrangendo a região de Itatiaia a Passa Quatro. Diferentemente das anteriores, as rochas eram sienitos alcalinos, que são aquelas que predominam no Parque, ao recobrirem o material mais antigo com seu aspecto pontudo e empilhado. Esta história violenta teve como consequência a criação de diferentes rochas, desde plutônicas (magmáticas) a ígneas (vulcânicas), com formatos surpreendentes, como atestam o impressionante corpo estriado do Agulhas Ne-

gras, os penhascos rochosos das Prateleiras ou os perfis arredondados da Pedra Furada e do Morro do Couto. São rochas com boas condições para escaladas. No Agulhas, há poucas fendas e saliências, o que limita a quantidade de vias a apenas três principais – *Pontão*, *Normal* e *Bira*. Já nas Prateleiras, existem cerca de dez vias importantes. No Couto e no Altar, os escaladores dispõem de mais de vinte vias com grampos. O Morro do Camelo e o Paredão das *Andorinhas* costumam também contribuir com a visão de gente colorida tentando sua sorte naquelas paredes.

## A Vegetação do Parque

O grande desnível de cerca de 1.500m entre as partes baixa e alta cria uma interessante diversidade vegetal no PNI. Na vegetação da sede, em altitudes pouco acima de 1.000m, predomina a floresta densa montana, com árvores frondosas e forte cobertura vegetal. É nela que você encontrará os altos jequitibás, cedros, ipês e jacarandás. Um ótimo ponto para observá-la é no mirante do Rio Campo Belo. À medida que cresce a altitude e o

solo empobrece, a mata torna-se menos alta e densa, sendo chamada de nebulosa acima de 2.000m – por exemplo, nas encostas do Aiuruoca. A rigor, boa parte das árvores é a mesma, apenas com aspecto reduzido e retorcido. Mas há também as espécies que você só verá na altitude, como candeias e canjeranas. Existem também formações específicas de araucárias, em especial nas áreas elevadas do norte do Parque. Nestas regiões, você encontrará os pinhos bravos (podocarpos), principalmente junto aos cursos d'água. A razão é o clima mais frio e seco, devido à proteção contra a umidade que penetra pelo Vale do Paraíba. Nos altos planaltos fluviais são avistados campos, turfãs e arbustos ausentes na parte baixa.

Mas a vegetação que mais me encanta é a dos campos de altitude, mais frequente bem no centro do PNI, a partir dos 1.500m. Nela, as moitas amareladas do capim de anta surgem entre as pedras acinzentadas, tendo ao fundo as impressionantes escarpas rochosas e o inacessível céu azul, num cenário de rara beleza. Elas

avançam talvez até os 2.400m – a partir deste nível, os rochosos começam a aflorar.

Bromélias, cactos, líquens e orquídeas – e algumas flores de muitas colorações – contribuem para o encanto dos altos do Parque, especialmente no verão. Surpreende a adaptação destas espécies ao clima – por exemplo, muitas vezes me emocionei ao encontrar improváveis lírios vermelhos nas rampas rochosas do Agulhas Negras.

## A Fauna do Parque

Também a fauna no Parque é variada, especialmente na sua parte baixa, mais fértil e hospitaleira. Muitos dos mamíferos lá encontrados aparecem na lista da fauna brasileira ameaçada. Você pode chegar a avistar os muriquis na região do Maromba ou os bichos preguiça e tamanduás na floresta montana, onde também vivem pequenos mamíferos como cuícas, quatis e esquilos. Répteis e cobras (jibóias e jararacas) são comuns na parte baixa. Mas os pumas e as onças só ameaçam as regiões elevadas. O PNI possui uma incrível variedade de aves. Quase metade delas é considerada endê-



mica da Mata Atlântica. Evidentemente, a variedade vegetal favorece a existência de diferentes nichos, onde podem viver desde pequenas espécies como as rolinhas e os periquitos, até aves médias como gaviões e tucanos ou de grande porte, como jacus e siriemas. Se as aves escasseiam na altitude, é lá que você poderá encontrar os sapos flamenguinhos, com suas incríveis barrigas vermelhas. Servem de símbolo para o Parque, por serem endêmicos desta região. Acontece que costumam reproduzir-se no trecho da estrada de acesso entre a Guarita do Marcão e o Abrigo Rebouças – nestas ocasiões, o trânsito é interrompido, aumentando em 3 km nossas caminhadas.

#### A Travessia: Parte Alta

Como sempre acontece no PNI, esta travessia começa no Abrigo Rebouças - ou, se os flamenguinhos não permitirem, no Posto Marcão, um pouco antes. Seu início é idêntico ao da Serra Negra, passando entre os enormes corpos do Agulhas e do Altar, buscando numa direção norte as nascentes do Aiuruoca. Mas, ao entrar no seu vale, você seguirá agora um rumo diferente, inflitando a leste no sentido dos Ovos da Galinha, uma curiosa formação de pedras arredondadas no alto de uma colina, que você deverá contornar. Na realidade, por seu aspecto e tamanho, mais parecem ovos de dinossauros. Pois agora você penetrará exatamente no Vale dos Dinossauros, assim chamado devido ao seu visual remoto (e, talvez, a algumas cristas montanhosas que lembram o dorso destes animais). É aqui que estão as nascentes do Rio Preto, que você voltará a encontrar em Visconde de Mauá. São as suas águas que dividem aquela vila nas suas metades carioca e mineira. Mais adiante, você chegará ao limite de sua trajetória elevada. É um lugar especial, onde você estará envolvido por um arco de montanhas recobertas de gramíneas, com suaves perfis abaulados - parecendo um enorme e pacífico abraço da natureza. Você caminhou cerca de 10 km em 3 ou 4 hs, em partes aproximadamente iguais entre o Aiuruoca e o Maromba – pois é a formação do Maromba que fecha a extremidade leste deste cenário, logo à sua frente. Nesta região existe um ótimo local para acampar, chamado de Rancho Caído (a 2.400m). Uma matinha com clareira irá abrigar confortavelmente a sua barraca, com água nas proximidades. Este nome designava antigamente um curral, quando os animais domésticos pastoreavam no

Parque, vindos das regiões mais baixas. Nunca o vi, já havia sido destruído quando por lá passei tanto tempo atrás. Suponho que o curral cercasse a parte frontal, que é plana e arenosa.

#### A Travessia: Parte Baixa

O Rio Preto teve de cavar sua passagem através do Maromba, para chegar até Mauá. Com este mesmo objetivo, você terá de contornar esta formação, caminhando inicialmente paralelo a ela e depois descendo vertiginosamente o trecho chamado – e por boa razão – de Mata Cavalo. Será um desnível importante, de talvez 350 metros, num terreno nem sempre firme.

Acredito que esta seja a mais clássica passagem para as terras de baixo – e a que ficou por mais tempo interdita pelo Parque, talvez por ser aquela que melhor acessa as extensas pastagens no seu interior. Que me recorde, foi proibida por 20 anos, desde a década de 1990. Mas, depois do desnível, você entrará na mata montana, que será sua companheira até chegar lá em baixo. Estas encostas são recobertas por uma vegetação bastante expressiva. Isto só irá lhe permitir raras vistas além da floresta: eventualmente para a escura extremidade da Serra Negra ou para uma casinha isolada no fundo do Vale das Cruzes. Acredito que serão 15 km, devo confessar que bastante monótonos, ao longo das mais de 4 hs que levará para vencê-los.

Sua chegada acontecerá nos limites do PNI, no Vale das Cruzes (1.100m), logo no início de Mauá. Convém encomendar um resgate, pois você estará ainda a 4 km da estrada que atravessa a vila. Como a caminhada toda é de 25 km, você pode fazê-la num só dia - foi o meu caso, quando cheguei sob a claridade da lua. Só no dia seguinte pude contemplar o grande paredão do Maromba e da Serra Negra, parecendo inacessível na distância iluminada do sol da manhã.

Vou encerrar este texto com mais um relato de montanha, conforme a série chamada Belas Pedras: a subida até o cume do Maromba.

Belas Pedras (LII): o Pico do Maromba Esta é uma formação com cerca de 6 km de extensão, que faz o bordo oeste do PNI. Depois dela, estão as terras baixas da Mantiqueira, que não irão mais alcançar as altitudes expressivas do PNI. Por

exemplo, a Pedra Selada, ponto culminante de Mauá, não passa de 1.750m.

Como o acampamento do Rancho Caído fica no sopé do Maromba, recomendo que você acrescente um dia a mais na sua viagem, para poder conhecê-lo e desfrutar da beleza da região. Talvez isto nem seja necessário, se tiver chegado cedo ao local, pois a subida não é nem extensa nem íngreme, com uma ascensão de 350 metros que não deve passar de 4 km.

O Maromba fica a 2.619m, sendo naturalmente uma das mais elevadas montanhas do Parque. É dela que você, olhando em frente, terá uma visão privilegiada da face oeste do Agulhas Negras, emergindo como uma surreal parede rochosa clara acima das encostas esmaecidas do vale. À sua direita, você verá a Serra Negra e à esquerda, o Vale do Paraíba. Atrás estarão

as verdejantes e habitadas terras baixas que o aguardam para o dia seguinte.

Mas o Maromba é diferente de todas as demais montanhas do PNI, devido à extensão da sua crista rochosa. Você caminhará por cerca de 2½ km até alcançar a sua extremidade sul, na formação do Cabeça de Leão (2.483m). É um lugar espetacular, onde você se sentirá vigiado silenciosamente por um anfiteatro de blocos rochosos.

Muito tempo atrás, numa clara e fria manhã, fui surpreendido ao chegar lá pelo olhar de uma suçuarana, o esplêndido puma das montanhas. Aqueles estáticos segundos pareceram uma eternidade, na surpresa recíproca. Foi com uma mistura de decepção e alívio que a vi se afastar, caminhando com leve elegância por entre as rochas, para desaparecer de minha visão – mas nunca mais de minha memória.

## Mais que uma loja de equipamentos outdoor



### NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído  
Assistência personalizada  
Suporte técnico  
As melhores marcas



e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)

11 2308 6995

Rua Caramuru, 523

Metró Praça da Árvore, São Paulo

# Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à  
Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP.  
Preços válidos até 30/10/2013.

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

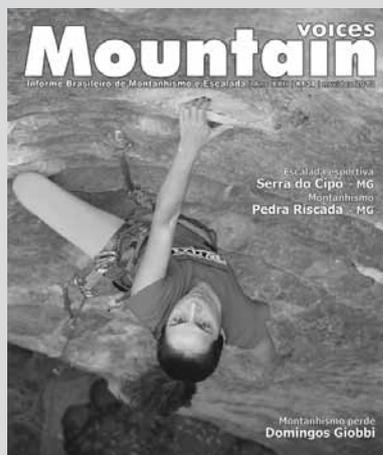
Editor: Eliseu Frechou

Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.

E-mail: contato@montanhismus.com.br.

Web site: www.mountainvoices.com.br.

Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



**Capa:** Francine Borges escalando a via Gigante pela própria natureza, 7a - Serra do Cipó - MG.

**Foto:** Eliseu Frechou

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....)  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
- ( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00
- ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- ( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- ( ) Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
- ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
- ( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
- ( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
- ( ) DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
- ( ) DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- ( ) DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
- ( ) Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00
- ( ) DVD Karma - R\$ 25,00

Total .....00

134

## Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores.  
Compre nas lojas de montanha ou pelo site [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2  
Baú e Região



LOBOTOMIA 3  
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE  
mp4 e wmv

## Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú  
Itatiaia  
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

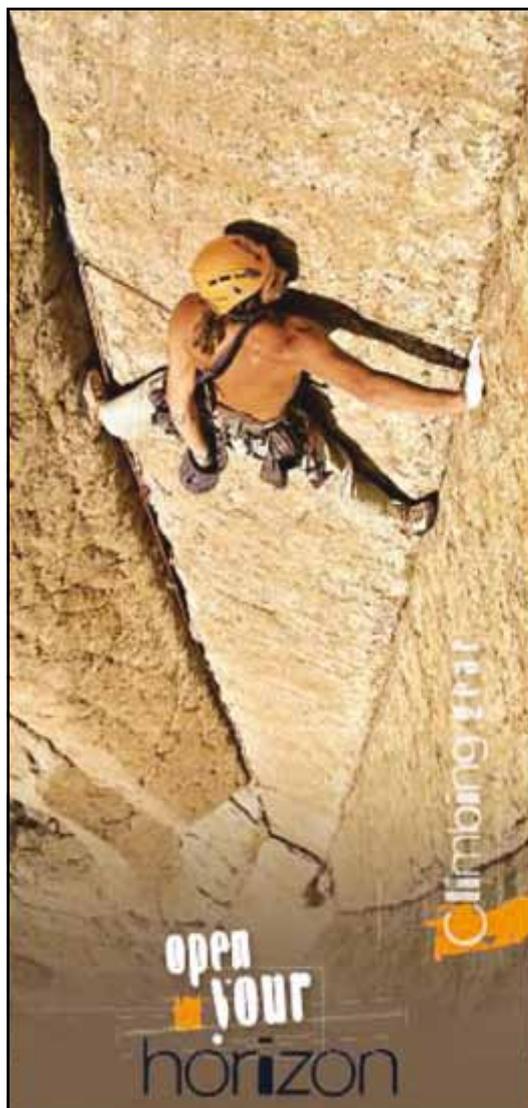
# RESISTE !

**E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!**



[www.equinox.com.br](http://www.equinox.com.br)

 **EQUINOX**



**verticale**  
**verticalisv**

Equipamentos de Escalada,  
Camping e Alpinismo Industrial

Distribuidor das Marcas

**CASSIN**



EDELWEISS



CAMP

neto@verticale.com.br  
21 33441665 / 96416910

 **CONQUISTA**

**ANORAQUE**  
**ALPINO**

*novas cores*

o mesmo  
anorake

com mais  
estilo.



**IMPERMEÁVEL**  
**RESPIRÁVEL**  
**CORTA VENTO**

**WATERPROOF • BREATHABLE • WINDBLOCK**

[www.conquistamontanhismo.com.br](http://www.conquistamontanhismo.com.br)  
[facebook.com/conquistamontanhismo1990](https://facebook.com/conquistamontanhismo1990)

# SNAKE. PELA 3ª VEZ RECONHECIDA POR FAZER O MELHOR EQUIPAMENTO.



ZODIAC II

Desenvolvida com sistema de gerenciamento térmico Outlast™ integrado com membrana Sympatex 100% impermeável e respirável, solado bi-componente Vibram Mars com tecnologia shock absorber, passadores e ganchos articulados para melhor ajuste dos cadarços e palmilha de proteção anti-perfuro.



CORDURA

vibram

Outlast

NO-P

3D COMFORT

  
**SNAKE**®

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)